

# Contos de Natal



# Contos de Natal



Louisa May Alcott



São Paulo, SP

Copyright © 1871; 1872; 1873; 1879; 1885; 1889, Louisa May Alcott

Títulos dos contos no original: *Tilly's Christmas; Tessa's surprises; A Christmas dream; Kate's choice; Christmas Turkey; Sophie's secret; Rosa's tale*

*Todos os direitos desta edição reservados para*

EDITORA GADEL

Avenida Paulista, n. 1471, sala 1110

São Paulo, SP — CEP 01.311-927

www.editoragadel.com.br

1ª edição, 2023

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Tradução de texto: *Paula Jacobini*

*Marcos Figueiredo* (em “Um sonho de Natal”)

Preparação e revisão de texto: *Paula Jacobini*

*Suzana Barreto Alves*

*Cinthia Turazzi*

Capa e diagramação: *Marcos Jundurian*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Alcott, Louisa May

Contos de Natal / Louisa May Alcott ; tradução Paula N J Romero.  
– 1. ed. – São Paulo : Editora Gadel, 2023.

162 p.: il., 21 cm

Título original: *Tilly's christmas; Tessa's surprises; A christmas dream;*  
*Kate's choice; Christmas turkey; Sophie's secret; Rosa's tale*

ISBN 978-65-981342-5-9

1. Natal - Contos - Literatura infantojuvenil I. Título.

23-178232

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos de Natal : Literatura infantil 028.5
  2. Contos de Natal : Literatura infantojuvenil 028.5
- Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





## Apresentação

Embora não se proponha a ser uma autora autopromovida cristã, isto é, que escreve a fim de instruir biblicamente, Louisa May Alcott cerca suas obras de princípios cristãos que aprendeu no lar, sob a influência de sua mãe, Abby May Alcott, uma cristã dedicada a tornar o lar um lugar de adoração e cultivo de boas virtudes.

Suas obras têm abençoado cristãos no mundo inteiro, há mais de um século. Na mais famosa delas, *Mulherzinhas*, traduzida em mais de cinquenta países e adaptada para teatro, cinema, e até ópera e devocionais, Louisa não esconde a grande intervenção de sua própria vida na narrativa, tornando-a quase autobiográfica. Não à toa, os detalhes das cenas são descritos com tanta sinceridade, que mais parecem um diário. No entanto, não foi isso que fez a obra de Louisa ser tão apreciada, mas sim sua capacidade de prender nossa atenção e nos envolver profundamente na atmosfera de amor e dos cuidados de uma vida simples e ordinária em família.

Foi pensando nesse inegável dom da autora que decidimos trazer aos leitores brasileiros esta seleção de sete

contos com temática natalina escritos pela Louisa. O já conhecido talento da autora aquece corações enrijecidos pela frieza das ambições mundanas na leitura de “O peru de Natal”, “As surpresas de Tessa” e “O Natal de Tilly”. Em “A história de Rosa” e “A escolha de Kate”, somos lembrados de quanta deferência devemos aos mais velhos e que honrá-los é um dever tanto quanto um prazer. Há magia em “Um sonho de Natal” e “O segredo de Sofia” é um convite à renúncia da vaidade em detrimento do amor sacrificial pelo outro.

Para além da “magia do Natal” que perpassa as obras dessa época do Natal, há profundidade na mensagem que Louisa escreve nas entrelinhas destes contos; valores e virtudes como generosidade, trabalho, perdão, amizade, respeito, serviço, bondade, abnegação ultrapassam as camadas do mero moralismo quando colocados da perspectiva cristã do amor sacrificial que Jesus, o enunciado do Natal, figura.

Minha proposta é que você leia estes contos deleitando-se na beleza de suas cenas e alegrando-se naquele que é o único capaz de transformar corações e verdadeiramente fazer milagres.

**Paula Jacobini,**  
editora



# Sumário



O Natal de Tilly.....	9
Um sonho de Natal.....	19
As surpresas de Tessa .....	45
O segredo de Sofia.....	65
A história de Rosa .....	99
Um peru de Natal .....	119
A escolha de Kate .....	137







O Natal  
de Tilly

— Estou muito feliz, porque amanhã será Natal e vou ganhar muitos presentes.

— Também estou feliz, embora não espere nenhum presente além de um par de luvas.

— E eu também, mas não vou ganhar nenhum presente.

As três meninas diziam essas coisas no caminho de volta da escola para casa, e, enquanto Tilly falava, as outras duas olhavam para ela com pena e um pouco surpresas, pois ela falava com alegria, e elas se perguntavam como ela podia ser feliz sendo tão pobre que não podia ganhar presentes no Natal.

— Você não gostaria de encontrar uma bolsa cheia de dinheiro bem aqui no caminho? — Disse Kate, a criança que ganharia “muitos presentes”.

— Ah, com certeza, se eu pudesse ficar com ela de maneira honesta! — E os olhos de Tilly brilharam só de pensar.

— O que você compraria? — perguntou Bessy, esfregando as mãos frias e desejando as luvas que ganharia.

— Compraria um par de cobertores grandes e quentes, uma carga de lenha, um xale para a mamãe e um par de sapatos para mim; e, se sobrasse o suficiente, eu daria a Bessy um chapéu novo para que ela não precise mais usar o velho chapéu de feltro de Ben — respondeu Tilly.

As meninas riram disso, mas Bessy colocou o chapéu engraçado sobre as orelhas e disse que estava muito agradecida, mas preferia doces.

— Vamos dar uma olhada e talvez possamos encontrar uma bolsa.

As pessoas estão sempre andando com dinheiro na época do Natal, e alguém pode perdê-lo aqui — disse Kate.

Então, enquanto seguiam pela estrada nevada, elas olhavam ao redor, meio sérias, meio divertidas.

De repente, Tilly saltou para a frente exclamando:

— Eu vi! Encontrei!

As outras a seguiram, mas pararam desapontadas, pois não se tratava de uma bolsa; era apenas um passarinho. Ele estava deitado na neve com as asas abertas e as batia fracamente, como se estivesse debilitado demais para voar. Suas patinhas estavam adormecidas pelo frio; seus olhos, antes brilhantes, estavam opacos de dor e, em vez de uma canção alegre, ele só conseguia emitir um leve gorjeio de vez em quando, como se estivesse clamando por ajuda.

— Nada além de um tordo velho e estúpido. Que irritante! — exclamou Kate, sentando-se para descansar. — Eu não vou tocar nisso.

— Encontrei um uma vez e cuidei dele, e a coisa ingrata voou para longe no minuto em que ficou bem — disse Bessy, enfiando-se sob o xale de Kate e colocando as mãos sob o queixo para aquecê-las.

— Pobre passarinho! Quão miserável ele parece e quão feliz deve estar ao ver alguém vindo para ajudá-lo! Vou pegá-lo com cuidado e levá-lo para casa, para a mamãe. Não tenha medo, querido, sou sua amiga — e Tilly se ajoelhou na neve, estendendo a mão para o pássaro com a mais terna compaixão no rosto.

Kate e Bessy riram.

— Não pare por causa dessa coisa; está ficando tarde e frio. Vamos procurar a bolsa — disseram, afastando-se.

— Vocês não o deixariam morrer! — Exclamou Tilly. — Prefiro o pássaro ao dinheiro, por isso não vou procurar mais. A bolsa não seria minha, e eu ficaria tentada a ficar com ela; mas este pobre coitado vai me agradecer e me amar, e estou muito feliz por ter chegado a tempo.

Erguendo delicadamente o pássaro, Tilly sentiu suas minúsculas garras frias agarrarem-se à sua mão e viu seus olhos turvos brilharem enquanto ele se aninhava com um chilrear agradecido.

— Agora, afinal, ganhei um presente de Natal — disse ela sorrindo enquanto seguiam em frente.

— Eu sempre quis um pássaro, e este será um lindo animal de estimação para mim.

— Ele vai fugir na primeira oportunidade que tiver e morrerá de qualquer maneira; então, é melhor você não perder tempo com ele — disse Bessy.

— Ele não pode lhe retribuir por você cuidar dele, e minha mãe diz que não vale a pena ajudar quem não pode nos ajudar — acrescentou Kate.

— Minha mãe diz: “faça o que você gostaria que fizessem por você”; e, com certeza, eu gostaria que alguém me ajudasse se eu estivesse morrendo de frio e de fome. “Ame o seu próximo como a si mesmo” é outra coisa que ela diz. Este pássaro é meu próximo, e vou amá-lo e cuidar dele como desejo que nosso vizinho rico nos ame e cuide de nós — respondeu Tilly soprando seu hálito quente sobre o pássaro debilitado, que olhou para ela com olhar confiante e ágil para identificar e reconhecer uma amiga.

— Que garota engraçada é você — disse Kate —: cuidar desse pássaro bobo e falar sobre amar o próximo dessa maneira séria... O Sr. King não se importa nem um pouco com você e nunca se importará, embora saiba quão pobre você é; então, não acho que seu plano seja grande coisa.

— Mas acredito nisso; e farei minha parte, de todo modo. Boa noite. Espero que você tenha um feliz Natal e muitas coisas bonitas — respondeu Tilly quando se despediram.

Seus olhos estavam marejados e ela se sentia muito pobre enquanto caminhava sozinha em direção à casinha velha onde morava.

Seria tão agradável saber que ela teria algumas das coisas bonitas que todas as crianças amam encontrar nas meias na manhã de Natal... E seria mais agradável ainda poder dar algo bom à mãe. Elas precisavam de muitas coisas, e não havia esperança de obtê-las, pois mal conseguiam comida e fogo.

— Não importa, passarinho, vamos aproveitar ao máximo o que temos e seremos felizes, apesar de tudo. De algum modo, você terá um feliz Natal; e sei que Deus não se esquecerá de nós, mesmo que todos os outros esqueçam. — Ela parou por um instante para enxugar os olhos e encostou a bochecha no peito macio do pássaro, encontrando grande conforto na pequena criatura, embora a menina só pudesse amá-la, nada mais.

— Veja, mãe, que lindo presente encontrei — ela exclamou entrando em casa com um rosto alegre que era como o sol no cômodo escuro.

— Fico feliz com isso, querida, pois não consegui dar à minha filha nada além de uma maçã rosada. Pobre pássaro! Dê-lhe um pouco do seu pão quente e leite.

— Ah, mamãe, que tigela grande! Parece que a senhora me deu todo o leite — disse Tilly sorrindo ao ver o jantar gostoso e fumegante que estava pronto para ela.

— Já tomei bastante, querida. Sente-se, seque os pés molhados e coloque o pássaro na minha cesta sobre a flanela quente.

Tilly espiou dentro do armário e não viu nada além de pão seco. Então pensou: “Mamãe me deu todo o leite e vai ficar sem chá porque sabe que estou com fome. Agora vou surpreendê-la e ela também terá um bom jantar. Enquanto ela estiver fora rachando lenha, vou consertar a situação”.

Assim que a mãe saiu, Tilly colocou o velho bule de chá sobre a mesa, derramou cuidadosamente uma parte do leite nele e tirou do bolso um pão grande e fofo que havia ganhado de uma das crianças da escola e guardara para a mãe. Uma fatia de pão seco foi bem torrada e o pedaço de manteiga que fora reservado para ela foi colocado sobre a torrada.

Quando sua mãe entrou, a mesa estava arrumada em um lugar aquecido, havia uma xícara de chá quente pronta e Tilly e o passarinho esperavam por ela.

Era uma ceia tão pobre e, no entanto, muito feliz; pois o amor, a caridade e o contentamento eram os convidados ali. Essa véspera de Natal foi mais alegre do que aquela na grande casa, onde as luzes brilhavam, o fogo ardia, uma grande árvore cintilava e a música soava enquanto as crianças dançavam e brincavam.

— Devemos ir para a cama cedo, pois só temos lenha suficiente para amanhã. Receberei pagamento pelo meu trabalho no dia seguinte e, então, poderemos conseguir algo — disse a mãe de Tilly enquanto elas se sentavam perto do fogo.

— Que bom seria se meu pássaro fosse mágico e nos desse três desejos! Coitado, ele não pode me dar nada; mas não importa — respondeu Tilly olhando para o tordo, que estava deitado no cesto com a cabeça debaixo da asa, um ralo cacho de penas.

— Ele pode lhe dar uma coisa, Tilly: o prazer de fazer o bem. Essa é uma das coisas mais doces da vida, e os pobres podem desfrutar disso tanto quanto os ricos.

Enquanto a mãe ainda falava, com a mão cansada acariciando suavemente o cabelo da filha, Tilly se levantou de repente e apontou para a janela dizendo, num sussurro assustado:

— Eu vi um rosto, o rosto de um homem, olhando para dentro! Ele já se foi, mas eu realmente o vi.

—Alguns viajante atraído pela luz, talvez. Vou ver.

E a mãe de Tilly foi até a porta. Ninguém estava lá. O vento soprava frio, as estrelas brilhavam, a neve caía branca no campo e na floresta e a lua de Natal brilhava no céu.

— Que tipo de rosto era? — Perguntou a mãe de Tilly ao voltar.

— Um rosto agradável, eu acho; mas fiquei tão assustada que não sei bem como era. Eu gostaria que tivéssemos uma cortina ali — disse Tilly.

— Gosto que nossa luz brilhe à noite, pois a estrada é escura e solitária nesse trecho, e o brilho de nossa lâmpada é agradável aos olhos das pessoas que passam. Podemos

fazer tão pouco pelos próximos que fico feliz em alegrar o caminho para eles. Agora, coloque esses pobres sapatos velhos para secar e vá para a cama, querida. Eu irei em breve.

Tilly foi para a cama levando seu pássaro consigo para dormir em sua cesta ali perto, assim ele não ficaria sozinho durante a noite.

Logo a casinha estava escura e silenciosa, e ninguém viu o espírito natalino trabalhando naquela noite.

Quando Tilly abriu a porta na manhã seguinte, gritou, bateu palmas e, depois, ficou imóvel; totalmente sem palavras de admiração e deleite. Ali, diante da porta, havia uma grande pilha de lenha, pronta para queimar, um grande embrulho e uma cesta, com um lindo buquê de rosas de inverno, azevinhos e sempre-vivas amarrados na alça.

— Ah, mãe! Foram as fadas que fizeram isso? — Exclamou Tilly, pálida de felicidade, enquanto pegava a cesta, e a mãe pegava o embrulho.

— Sim, querida, a melhor e mais querida fada do mundo, chamada Caridade. Ela anda por aí na época do Natal, faz coisas lindas como esta e não fica para receber agradecimentos — respondeu a mãe, com os olhos arregalados, enquanto desfazia o embrulho.

Lá estavam eles: os cobertores quentes e grossos, os xales confortáveis, os sapatos novos e, o melhor de tudo, um lindo chapéu de inverno para Bessy.

A cesta estava cheia de coisas boas para se comer e, sobre as flores, havia um papel com a mensagem: “Para a menina que ama o próximo como a si mesma”.

— Mãe, eu realmente acho que meu pássaro é um pássaro mágico, e todas essas coisas esplêndidas vêm dele — disse Tilly rindo e chorando de alegria.

Realmente, parecia que sim, pois, enquanto ela falava, o tordo voou até a mesa, pulou até o ramalhete e, empoleirando-se entre as rosas, começou a chilrear com toda a força.

O sol brilhava sobre as flores, os pássaros e a criança feliz, e ninguém viu uma sombra deslizar para longe da janela; ninguém jamais soube que o Sr. King tinha visto e ouvido as meninas no dia anterior, ou sonhou que o vizinho rico havia aprendido uma lição com a vizinha pobre.

E o pássaro de Tilly era um pássaro mágico, pois com o amor e a ternura da menina pela criatura indefesa, ela trouxe bons presentes para si mesma, felicidade para o desconhecido doador dos presentes e um amiguinho fiel que não voou para longe, mas ficou com ela até a neve passar, fazendo que o inverno fosse verão para ela.